

N I S A

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO URBANO

José Dinis 120174

COTA 39
NUCLEO ETNOGRAFIA
REGISTO 459/Fundo
Local
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SÃO

fom
Alin
seus
ficar
guar
maté
Segu
sítio
reside
també
cumpr
volta
missa,
Madrin
de já te
a nível

NISA

Origem e desenvolvimento urbano

INTRODUÇÃO

As "caiaças" estão feitas, mas o "corre corre" continua. Os fornos estão a arder. No ar paira o cheiro a bolos fintos e a queijadas. Alinhados no tabuleiro, os "lagartos" e as "freiras" espreitam, com os seus olhos de feijão frade, as brincadeiras da garotada. As tigeladas ficaram boas, não ganharam "pé". O vinho da melhor talha está guardado. Os borregos e os cabritos aguardam o sábado, são a matéria-prima do ensopado.

São os preparativos!

Segunda-feira trancam-se as portas e "vai-se" à "Senhora da Graça".

Anualmente, na segunda-feira de Páscoa, feriado municipal, o sítio da N.ª Senhora da Graça enche-se do colorido e do bulício dos residentes na Vila de Nisa, nas demais povoações do concelho e também daqueles que, embora residindo longe, não querem faltar ao cumprimento da tradição, ao encontro com os familiares e amigos, à volta da improvisada mesa campestre, e aos festejos religiosos - missa, sermão e procissão - em honra da Padroeira e, por vezes, Madrinha - N.ª Senhora da Graça.

Não há referências às origens desta festividade, porém, apesar de já ter revestido outras características, não é inédita nem única, quer a nível do concelho, do distrito ou do país.

Segunda-feira de Pascoela, ainda que em escala muito menor, o facto repete-se mas, desta vez, para festejar N.^a Senhora dos Prazeres.

Há notícia de ter havido outras romarias no local, mas caíram em desuso e as ermidas dos Santos de devoção encontram-se em ruínas (S. Lourenço)

Santo Isidro que se alberga na ermida da N.^a Senhora dos Prazeres também já teve a sua festa promovida pelos lavradores, porém, muito recentemente, passou ao esquecimento.

Quase diariamente (de manhã e à tarde), ao longo do ano, pequenos grupos, principalmente de mulheres, desfiando as contas do "terço" e rezando em coro, deslocam-se a pé (raramente de viatura) a N.^a Senhora da Graça para solicitar benesses ou para o cumprimento de promessas das quais a "novena" é vulgar.

Por vezes é a "Santa" que, em procissão, desce à Vila para atender a um pedido colectivo (o último aconteceu no mês de Abril do ano passado, relacionado com o problema da seca).

NOSSA SENHORA DA GRAÇA / NISA-A-VELHA

Nem só a religiosidade estreita os laços dos nisorros com esta zona

Segundo a tradição, foi neste sítio que se localizou a primitiva Vila - Nisa-a-Velha - que terá sido queimada e arrasada pelo Infante D. Afonso aquando das lutas fratricidas que travou com D. Dinis, rei que pagaria, posteriormente, a lealdade demonstrada mandando edificar e cercar de muralhas 4,5 Km para sudoeste, no Vale do Zambujal, a actual Vila.

A história aponta para a veracidade dos factos, os dados arqueológicos não os desmentem e indiciam, também, uma permanência humana no local muito mais recuada no tempo.

O cume da colina onde se ergue a Ermida da N.^a Senhora da Graça, "cabecinho", do qual se desfruta uma paisagem com aspectos multifacetados e com vastos horizontes que culminam na Serra da Estrela e na vizinha Espanha, distingue-se dos circundantes pela sua configuração, beleza e difícil acesso. A tudo isto alia-se a detecção de ruínas de estruturas de características defensivas que denunciam ter existido ali um castro e, daí, o ser conhecido por "castelinho". O castro deve ter sido romanizado pois, na área, têm sido encontrados tijolos (lateres), fustes de colunas e aras com inscrições votivas e, no estudo da etimologia do vocábulo Nisa, têm, alguns autores, referido a latinização de um outro de origem grega

No vale, a Norte da colina, serpenteia a Ribeira de Nisa para cuja transposição foi construída uma robusta ponte de granito com vias de acesso em calçada. A ponte tem marcas medievais, porém, não é de excluir a sua possível origem romana

Existem, na zona, os seguintes vestígios, ruínas e monumentos: Ermida de S. Lourenço (ruínas), Cruzeiro datado de 1638 (Cruz Alta), ruínas da Igreja de Santiago, amontoados dispersos de pedras (xistos e granito), dispersão de fragmentos cerâmicos, indícios de estruturas soterradas, quatro fontes (sendo uma delas coberta e, daí, Fonte Coberta), Ermida dos Fiéis de Deus, Ermida de N.^a Senhora dos Prazeres (imóvel classificado de Interesse Público), Ermida de N.^a Senhora da Graça, Via/Calçada e Ponte (vulgarmente conhecida por ponte dos mouros, romana, medieval ou de N.^a Senhora da Graça).

Nisa terá, assim, ao que tudo indica, existido primitivamente no sítio hoje conhecido por N.^a Senhora da Graça e teve, possivelmente, origem num castro cuja população por imposição romana desceu para o Vale ao Sul.

Foi murada e sofreu as vicissitudes da dominação muçulmana e da reconquista.

Recebeu foral que, embora desaparecido, pode ser comprovado através da referência que lhe é feita por D. Sancho II ao conceder idêntico documento à Vila do Crato em 1232: "*Damus vobis populatonibus tam presentibus quam futuris foros et costumes de Nisa*".

Posteriormente, nos finais do século XIII, foi queimada e abandonada.

Pensamos que o abandono não foi total e que as duas povoações terão coexistido durante algum tempo, provavelmente até ao século XVII - XVIII, ainda que a primitiva estivesse escassamente povoada.

Os edifícios religiosos atestam marcas de restauro e melhoramentos ao longo dos tempos: em 1638 foi erguido um Cruzeiro à entrada da povoação, no adro da Igreja de Santiago (Santo/Oraço

que foi da segunda paróquia. Actualmente a segunda freguesia é a do Espírito Santo cuja igreja foi edificada na nova Vila em 1567).

NISA (VILA ACTUAL)

Quanto à actual Vila, apesar da inexistência de dados escritos concretos sobre a sua fundação, o traçado das ruas, a urbanização intra-muros atestam o planeamento dos burgos novos do tempo do rei Lavrador. Os inúmeros portais góticos e as características construtivas/defensivas da fortaleza mostram também o seu medievalismo. Intra-muros não têm sido encontrados, por ora, vestígios anteriores à Idade Média, aos finais do século XIII

Ainda, e segundo a tradição, o local terá sido escolhido por D. Dinis devido à sua amenidade, fertilidade e pelo facto de ficar à "sombra" do castelo de Ferron (atribuído aos Templários mas de localização desconhecida), muito perto da Torre de João Vaqueiro (envolvida em lendas de edificação romana e também desaparecida)

Pensamos que nas proximidades do local havia um pequeno núcleo populacional ou, se já desaparecido aquando da fundação de Nisa, existiu em data anterior a D. Dinis, pois o homem deixou ali marcas da sua presença.

Para Oeste, na "Fonte Seca" (1Km) e para Sudeste, no "Santo António" (1 Km), existem sepulturas escavadas na rocha (genericamente datadas do período da Reconquista).

"Convento" é hoje um arruamento a poente da Vila. Ruínas ou vestígios não existem, mas o topónimo aponta para um edifício religioso e Mota e Moura diz que este foi construído em 1087 e destruído em 1680.

No actual bairro da Cevadeira (edificado nos anos 70/80 do nosso século), paredes-meias com o "Convento" foram encontrados vestígios arqueológicos do tempo dos romanos e, no Rossio,

admirava-se ainda, em 1733, uma anta que veio a ser destruída para aproveitamento dos materiais pétreos.

Quando Nisa foi transferida a sua nova implantação obedeceu, como era norma do seu fundador, a um plano criterioso no qual, além do traçado geométrico das ruas e blocos de casas, do castelo para o alcaide e seus efectivos militares, e da Igreja, se integrou um espaço aberto para o comércio, convívio e manifestações públicas (hoje conhecido por Praça do Município) Aqui, neste espaço, porque a população já era detentora de autonomia popular, deve ter sido edificada a "*Domus Municipalis*" que, apesar de ter sofrido alterações, aí se manteve sediada até aos nossos dias.

O burgo de D. Dinis, no tempo do Venturoso, rei que doou foral novo em 1512, já tinha extravasado as muralhas para a "banda" sul, para o "arrabalde", como o demonstram os desenhos de Duarte d'Armas.

Não mais parou o seu crescimento, o que se comprova pela erecção de edificios religiosos em determinados pontos (Igreja de Espírito Santo e do Mártir Santo - 2ª metade do século XVI) e pela construção de uma segunda cintura defensiva aquando da guerra da Restauração (1646) que veio a ser derrubada não só por ser desnecessária militarmente mas também por questões expansivas (1ª metade do século XIX).

Foi um crescimento com malha apertada, mas sem um plano regular de raiz como o fora o anterior, o da época dionisina.

A aceleração do surto expansivo é notória a partir dos finais do século passado e fez-se ao longo das principais vias de acesso - Portalegre, Lisboa, Tolosa (mas não Castelo Branco-norte).

No nosso século, anos 70/80, a expansão planeada, fez-se principalmente para poente e, actualmente, o Plano Geral de Urbanização de Nisa contempla várias zonas, mas sempre em desprimor do Norte.

José Dinis Murta

Portalegre, Novembro de 1993